

Economia

ANIVERSÁRIO DA MOEDA BRASILEIRA

Real perde 78% do valor

Mesmo com a estabilidade econômica que o plano trouxe ao País, moeda ainda enfrenta desvalorização no mercado mundial

Ana Eliza Oliveira

O ano era 1994. O Brasil buscava a vitória nos jogos da Copa do Mundo de futebol. Nos gramados, o time provou que era possível vencer o campeonato e trouxe a taça de ouro para o País. Longe dos campos, porém, o adversário era outro: a hiperinflação, que corroía o salário da população, chegando, em 1993, ao índice recorde de 2.477% ao ano.

Os brasileiros estavam cansados dos transtornos causados pelo congelamento de salários e confisco de poupança. Para tentar trazer estabilidade ao dinheiro brasileiro foi criado o Plano Real, que entrou em vigor em 1º de julho de 1994 e completa 20 anos na terça-feira.

No entanto, neste período, a moeda perdeu 78% do seu valor, segundo o Instituto Assaf. Assim, uma nota de R\$ 100 em 1994 estaria com valor de R\$ 22 atualmente.

“O Plano Real foi mais bem-sucedido que os anteriores, pois o governo aprendeu com as tentativas antes fracassadas. Tudo serviu como experiência para a criação do Plano Real”, explica o professor do Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais da Universidade de Brasília (UnB), Roberto Piscitelli.

Ele ressalta que, na época, as condições favoráveis da política externa e da economia mundial contribuíram para o sucesso.

De 1994 a 2014, o salário mínimo saltou de R\$ 64,79 para R\$ 724, um crescimento de 1.019%. Já a infla-



ARQUIVO/AT

REMARCAÇÃO DE PREÇO EM SUPERMERCADO: mudanças nos valores dos produtos aconteciam mais de uma vez ao dia e as pessoas tinham de estocar alimentos quando encontravam algo com preço mais barato na época de inflação descontrolada

ção do período foi de 360%, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

“Mesmo com a inflação corroendo parte dos salários, em nenhum ano ela ficou acima da meta. A inflação sempre vai existir, o que não significa que a política monetária tenha fracassado, ela apenas não atingiu o ponto ideal”, ressalta.

Para o economista e coordenador da Faculdade Pio XXII, Marcelo Loyola, fatores como a baixa produtividade, excesso de gastos públicos, desperdícios na cadeia produtiva, excesso de burocracia, impostos e carência de um plano nacional contribuem para aumentar a inflação.

O Plano Real Entenda a criação do plano que mudou a economia

O real

- > O REAL entrou em vigor no País dia 1º de julho de 1994, no governo do presidente Itamar Franco, através do ministro da fazenda, Fernando Henrique.
- > A MOEDA atingiu sua cotação máxima no dia 31 de março de 1995, quando R\$ 1 chegou a valer US\$ 1,20.
- > EXISTEM duas famílias de moedas em circulação. A primeira foi emitida entre os anos de 1994 e 1997 e é toda em aço inoxidável. Até hoje a única moeda tirada de circulação foi a de R\$ 0,01.



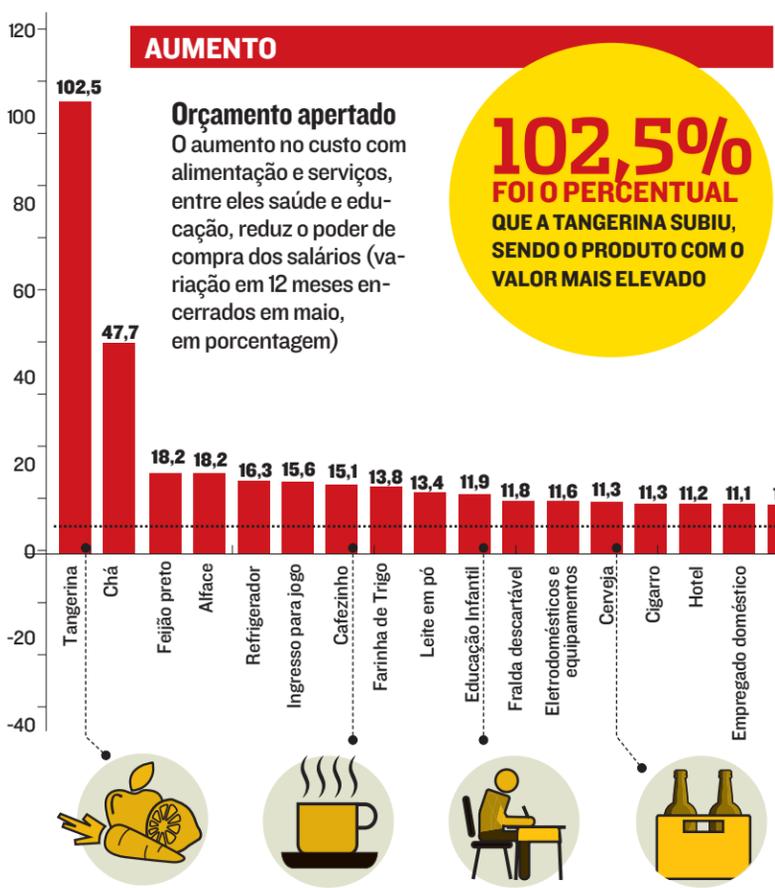
Curiosidades

- > QUANDO O REAL foi implantado, R\$ 1 era o equivalente a CR\$ 2.750. A moeda da época era o cruzeiro de reais.
- > NA ÉPOCA, R\$ 1 era suficiente para comprar um quilo de frango. Pela força da moeda, o então presidente Fernando Henrique Cardoso classificou a ave como um dos símbolos do real.
- > HOJE o quilo do alimento é encontrado nos estabelecimentos entre R\$ 6 e R\$ 9, um aumento de 500% a 800%.



Desvalorização

- > DE 1994 A 2014, o salário mínimo saltou de R\$ 64,79 para R\$ 724, o que representou uma alta de 1.017%.
- > PORÉM, SE FOR descontada a inflação do período, o ganho real nos salários dos brasileiros, ou seja, aquele que ficou acima da inflação, foi de apenas 146%.
- > UMA PESQUISA do Instituto Assaf mostra que a marcha dos preços nos 20 anos acumulou uma alta de 354%.



DESVALORIZAÇÃO

- > HOJE para comprar US\$ 1, é preciso R\$ 2,195.
- > DE 1994 a 2014, o salário mínimo saltou de R\$ 64,79 para R\$ 724, um crescimento de 1.019%.
- > NESTES 20 ANOS, a inflação do período foi de 360%.
- > MESMO ASSIM, economistas afirmam que houve ganhos nos salários dos brasileiros.



6,4 Índice geral

Economia

ANIVERSÁRIO DA MOEDA BRASILEIRA

“É mais difícil manter um negócio nos dias de hoje”

“É mais difícil manter um negócio hoje do que em 1994”, afirma o proprietário da Padaria Expressa na Praia do Canto, Eugênio Bortoluzzi.

Há 20 anos, a chamada “Era do Real” estava apenas começando, e o novo plano carregava nas costas a responsabilidade de acabar com a hiperinflação que reinava no período.

Bortoluzzi foi entrevistado pela reportagem de **A Tribuna** no dia 1º de julho de 1994, dia em que o plano entrou em vigor. Na oportunidade, ele disse que as pessoas não entendiam o valor das notas e das moedas.

“As pessoas não entendem o valor das moedas e notas, o que cria confusão. Também está faltando moeda para dar o troco. Acredito que só depois da primeira semana

desta mudança que o povo vai acostumar”, disse na reportagem publicada em 1994.

Naquela época, a moeda de R\$ 1 era suficiente para comprar 10 pães, e o pão de sal tipo francês era vendido por R\$ 0,10 a unidade.

Duas décadas depois, não foi só o preço do pão que mudou. A forma de vender o pãozinho também, uma vez que o preço deixou de ser por unidade e passou para o quilo.

Hoje, tendo a mesma moeda de R\$ 1 em mãos, o consumidor consegue comprar apenas dois pães. Para Eugênio Bortoluzzi, naquele tempo era mais fácil comandar uma empresa.

“O plano real foi necessário, pois o Brasil não podia continuar como estava. Mas nos últimos anos, é claro que a moeda vem perdendo força. É mais difícil manter uma

empresa, salários e custo da matéria-prima. O aumento das vendas não consegue acompanhar a inflação”, afirma Eugênio.

O empresário ainda ressalta a alta carga tributária cobrada pelo governo federal, o que dificulta ainda mais a competitividade das empresas.

Para o dono de padaria, a inflação é um problema, pois afeta diretamente o poder aquisitivo dos consumidores, e quem sente isso são as empresas, por meio da queda das vendas.

“As vendas não aumentam nos últimos anos porque o poder aquisitivo da população tem diminuído, enquanto os preços são mantidos lá em cima, por conta dos custos de produção. Com os preços disparados, a empresa vende menos”, explica Bortoluzzi.



EUGÊNIO BORTOLUZZI disse que a moeda vem perdendo força

O QUE ELES DIZEM

RODRIGO GAVINI - 20/10/2011



“O Plano Real deu certo porque não foi apenas um plano, mas um programa de governo”

Antonio Marcus Machado, economista

RODRIGO GAVINI - 07/11/2013



“O problema não é o real, e sim outros fatores que interferem na economia brasileira”

Marcelo Loyola, economista

ARQUIVO/AT



“O real foi bem-sucedido, pois havia condições na economia interna e externa”

Roberto Piscitelli, professor da UnB

Inflação americana é 6 vezes menor

Nesses 20 anos, a inflação acumulada desde o primeiro dia de vida do real, em 1º de julho de 1994, até hoje, é de 360%. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que, na média, os preços subiram a um ritmo de 8% ao ano nessas duas décadas.

Nas vésperas do plano real ser lançado, em 1993, a inflação brasileira bateu o recorde de 2.477%, justificando ainda mais a implan-

tação de um novo plano econômico que trouxesse estabilidade ao País.

Um cálculo do economista e coordenador da Faculdade Pio XXII, Marcelo Loyola, com base nos índices de inflação informados pela Global Rates, aponta que neste mesmo período a inflação americana foi de 59,54%, seis vezes menos do que a inflação brasileira.

“Isso demonstra que a economia

americana está mais consolidada que a brasileira. Isso acontece pois o governo tem os gastos públicos totalmente controlados. Isso significa que, ao contrário do que acontece no Brasil, o governo não gasta mais do que é arrecadado, o que cria a estabilidade”.

O economista ainda ressalta a organização da política macroeconômica e externa do país americano.

“Eles cumprem o dever de casa e o resultado é percebido na economia do país”.

Para o professor do Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais da Universidade de Brasília (UnB), Roberto Piscitelli, apesar da inflação brasileira ser maior do que a americana, a estabilidade dos preços de hoje é um alívio para os consumidores, se comparados com os valores daquela época.

“Foram inúmeros planos econômicos testados, mas só o real trouxe estabilidade aos preços. A inflação de hoje não é nada comparada com época”.

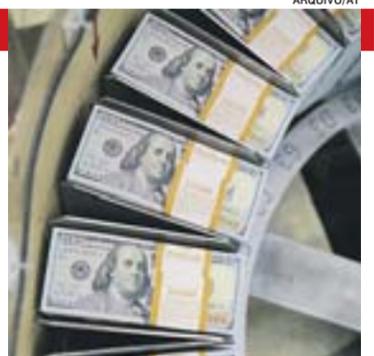
A INFLAÇÃO

Seis vezes mais

> DURANTE os anos de 1994 a 2014, a inflação brasileira foi seis vezes maior que a americana.

> ENQUANTO cálculos apontam que a inflação americana ficou na casa dos 59,54% durante o período, a brasileira ficou no patamar de 360% no acumulado dos 20 anos.

Fonte: Economistas consultados.



DÓLAR mantém estabilidade

Poupança rendeu 103% e dólar perdeu 52%

As aplicações com base no Certificado de Depósito Interbancário (CDI) foram as que mais renderam nestes 20 anos de real, segundo levantamento da consultoria Economática.

A moeda brasileira comemora 20 anos de existência na próxima terça-feira.

De 1994 para cá, o dólar foi a única aplicação que deu prejuízo real (descontada a inflação) e melhor aplicação foi a do CDI, com ganho real de 631,7% acima do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), considerado a inflação oficial do País.

Nestes 20 anos, a aplicação em caderneta de poupança rendeu 103,20% e o ouro 69,03%. Já o dólar Ptax se desvalorizou 51,97%.

O levantamento da Economática considera a valorização das principais aplicações até a última quinta-feira, ajustadas pela inflação medida pelo IPCA até 31 de maio.

BOLSA RENDE 221%

Desde julho de 1994, as aplicações na bolsa, considerando o Ibovespa, principal índice da bolsa, se valorizaram 221,11% — retorno que nas Américas ficou abaixo do rendimento do índice do Peru

(IGBVL – Índice General de la Bolsa de Lima), de 617%, e do índice Nasdaq, de Wall Street, que teve valorização de 285,89%.

Nestes 20 anos, as ações que mais se valorizaram foram as da Ambev (4.873,4%) e da Souza Cruz (4.263,4%).

Na sequência, se destacaram Guararapes (3.237,5%), Itaú Unibanco (2.671,7%) e Gerdau (1.934,1%).

Na outra ponta, os papéis que mais se desvalorizaram foram os da Inepar (-98,98%) e Coteminas (-95,42%), Light (-82,27%), Eletrobras (-62,53%) e Oi (-55,84%).

Para o cálculo, o levantamento considerou apenas as ações com volume financeiro médio diário superior a R\$ 1 milhão (com valores ajustados pelo IPCA).

OS NÚMEROS

631,7%
ganho real no CDI em 20 anos

221,11%
foi a valorização do Ibovespa

AGÊNCIA ESTADO - 02/02/2014



BOLSA AMERICANA: índice Nasdaq teve valorização de 285,89%

ANIVERSÁRIO DA MOEDA BRASILEIRA

“Aquele tipo de inflação não volta”, diz ex-ministro

Pedro Malan falou que a inflação anual de quase 5.000% de junho de 1994 não volta mais após 20 anos de estabilização do real

RIO

Vinte anos depois do lançamento da moeda brasileira, o real, o ex-ministro da Fazenda Pedro Malan revelou suas memórias sobre o momento crucial da economia, quando a inflação anual estava em quase 5.000%, em junho de 1994, e comentou a situação do País hoje, após duas décadas de estabilização.

Um dos artífices do Plano Real avalia que as taxas de inflação “são civilizadas à luz de nossa experiência pretérita, mas continuam um pouquinho mais elevadas do que gostaríamos”.

A crise de confiança, que abalou o País entre 1998 e 1999, após o colapso dos Tigres Asiáticos, em 1997, e a moratória da Rússia, em 1998, levando o dólar a custar R\$ 2 e as reservas internacionais a se esvaírem, foi um dos momentos mais difíceis para o economista.

A crise levou o Brasil a mudar o regime cambial de bandas para flutuante em janeiro de 1999.

“Não tinha medo de inflação. Tinha receio de uma crise de confiança grande. (...) Havia generalização



PEDRO MALAN ficou no governo de 1991 a 2002 e disse que não vê descontrolar na inflação atualmente

da ideia de que país subdesenvolvido e em desenvolvimento era tudo igual. A confiança foi recuperada, com custo obviamente (o PIB ficou estagnado nos dois anos da crise e o rendimento do trabalho caiu 7% em 1999), mas depois do início de 1999, conseguimos recuperar isso, após a turbulência”.

Malan, que ficou no governo de maio de 1991 a dezembro de 2002,

como negociador da dívida externa brasileira, na presidência do Banco Central (BC) e no Ministério da Fazenda, não vê descontrolar na inflação atualmente.

“É importante que, passados 20 anos, as taxas de inflação estejam relativamente civilizadas”, afirmou.

Indagado sobre o que faria de diferente em relação à montagem e

administração do Plano Real, fez piada.

“Presumo que eu não possa dizer não ter aceito o Banco Central e o Ministério da Fazenda. Isso não vale como resposta (risos)”.

Para o ex-ministro, é natural a preocupação com a alta de preços, traduzida no movimento Rio \$urreal, mas diz que “aquele tipo de inflação não volta”

O QUE DISSE

Recorde por 3 décadas

“As pessoas com menos de 40 anos não têm nenhuma experiência vivida do que foi a evolução da inflação no Brasil antes do lançamento do real. O País foi o recordista mundial de inflação do início dos anos 1960 ao início dos anos 90. Entre 1980 e 1993, a média foi superior a 600% ao ano, e atingiu os 2.500% em 1993. Isso, felizmente, ficou para trás. É importante que, passados 20 anos, as taxas de inflação de inflação sejam relativamente civilizadas, mas continuam ainda um pouquinho mais elevadas do que gostaríamos.”

Aprendizado com outros planos

“Aprendemos com a experiência do Plano Cruzado, em 1986, com o Bresser em 1987, o Verão em 1988, o Collor 1 em 1990, e o Collor 2 em 1991. Tanto é que na equipe básica, sem a qual o real não teria sido concebido e implementado, tinham três veteranos do Cruzado, como o Pérsio Arida, André Lara Resende e Edmar Bacha, aos quais se juntou Gustavo Franco em 1993.”

Hiperinflação não volta mais

“A agenda para o Brasil pós-real se confundia com a do desenvolvimento econômico, social, político e institucional do País. Não envolvia mexer só na área fiscal, do regime monetário, cambial, mas mudanças para que o país pudesse, após a experiência histórica de sobreviver com a inflação alta, conviver com taxas civilizadas.”

Quando se olha os últimos 20 anos, nota-se que isso aconteceu. Não quer dizer que a inflação sob controle está incorporada ao DNA da sociedade brasileira. Tenho certeza absoluta de que a hiperinflação não volta mais. Não vejo o Brasil voltar a aquele processo em que ela subia de 40% para 100% e depois para 1.000%. Espero que a população considere a responsabilidade de qualquer governo, qualquer que seja sua coloração político-partidária, preservar a inflação sob controle. Isso é o grande legado do real”.

Nota de um real teve vida curta

Símbolo do plano de estabilização da economia, a nota de R\$ 1 teve o fim decretado em 2005. Seu desaparecimento, no entanto, não pode ser considerado prematuro.

A extinção foi arquitetada pelo próprio criador, o Banco Central (BC). A instituição avaliou que não valia a pena produzir a cédula. Ela circulava tanto que acabava suja, rasgada, rabscada e inutilizável em pouco tempo.

A Casa da Moeda acatou a ordem e interrompeu a impressão, mas algumas ganharam sobrevida. Nas

contas do Banco Central, ainda restam 149 milhões de notas de R\$ 1. Muitas foram perdidas ou destruídas, mas ainda são contabilizadas pela instituição, pois não foram recolhidas para serem substituídas por moedas.

A moeda de metal custa mais para ser produzida, mas dura muito mais tempo. Resiste a troca-troca de dinheiro para garantir o troco no comércio e, no longo prazo, pesa menos no bolso do contribuinte.

Engana-se quem pensa que só notas velhas estão na praça. As no-

tas mais novas ocupam espaço de destaque: estampadas com um beija-flor, são guardadas por colecionadores. Em sites, chegam a valer R\$ 100 se estiverem sem uso e com número de série baixo.

Com o real, o Banco Central deixou de estampar rostos de personalidades históricas e passou a ter animais impressos. É que as famílias dos que recebiam a honra de aparecer no papel-moeda reclamavam que ele perdia valor rápido, fruto do fracasso dos planos econômicos anteriores.

O que mudou nas cédulas

Desde sua criação, o dinheiro brasileiro foi se aperfeiçoando até chegar à família real.

A ordem de criação das moedas foi cruzeiro, cruzeiro novo, cruzeiro, cruzado, cruzado novo, cruzeiro, cruzeiro real e real. Nos tempos de incerteza econômica, a mesma moeda foi e voltou várias vezes com valores diferentes.

O cruzeiro, criado no governo do presidente Getúlio Vargas, em 5 de outubro de 1942, foi realizado o corte de zeros e estabelecido que cada cruzeiro equivaleria a mil reis. Para se diferenciar das outras, na nota era impressa uma foto de Joaquim José da Silva Xavier, Tiradentes.

Hoje, na era da tecnologia, o governo precisou criar mecanismos de proteção contra falsificações.

A primeira família do real foi emitida entre os anos de 1994 e 1997. Já a segunda família de notas do real ainda não acabou de ser totalmente impressa.

Nas novas notas são mais de oito pontos de identificação do dinheiro. Impressa em papel fiduciário, a cédula vem com elementos fluorescentes, faixa holográfica, quebra-cabeça, alto relevo, microimpressões e número escondido.



EVOLUÇÃO das cédulas no Brasil

OS PLANOS ANTES DO REAL

Corte de zeros e troca de nomes

Cruzeiro

> CRIADO no governo do presidente Getúlio Vargas, em 5 de outubro de 1942. Ao criar o cruzeiro, houve corte de zeros e estabeleceu que cada cruzeiro equivaleria a mil reis.

Cruzeiro novo

> ENTROU em circulação em 13 de fevereiro de 1967. Circulou até 14 de

maio de 1970. Durante sua implantação, o cruzeiro perdeu três zeros.

Cruzeiro

> VOLTOU em 15 de maio de 1970, sem corte de zeros.

Cruzado

> ENTROU em circulação em 28 de fevereiro de 1986, durante o Plano

Cruzado no governo Sarney. Houve o corte de três zeros.

Cruzado novo

> ENTROU em circulação em 16 de janeiro de 1989.

Cruzeiro

> EM 16 de março de 1990, a moeda retomou o nome de cruzeiro.